



UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE SUJEITOS E SUBJETIVIDADES NEGRAS NA LITERATURA BRASILEIRA

Élida Cristina de CARVALHO CASTILHO¹,
Celina Aparecida Garcia do NASCIMENTO²,

RESUMO: Este texto desenvolve, dentro da perspectiva dos estudos discursivos da linguagem, algumas considerações sobre a produção literária contemporânea brasileira relacionada a uma literatura de identidades e discursos negros. Analisando, dentro dessa esfera enunciativa histórico-social, como essas identidades são construídas e reconstruídas na materialidade linguístico-discursiva de alguns de seus títulos. A partir de uma abordagem discursivo-desconstrutiva (CORACINI, 2010), pretende-se problematizar como nesses títulos/discursos, as representações subjetivas construídas *por* e *a partir* de outras mãos têm possibilitado modos outros de (se) conhecer, de pensar e de (se) relacionar com esses sujeitos/personagens/autores, que, cada vez mais, parecem reivindicar não só na voz literária, mas, sobretudo, na voz social, uma presença, que promova deslocamentos e, portanto, (re) (s)significações de uma metafísica ocidental, que ainda insiste em silenciar essas vozes, “prender sua respiração³”.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira. Identidades negras. Discurso. Subjetividades.

1 Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, *Campus Três Lagoas*. Docente EBTT no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, *Campus Avaré*. Endereço eletrônico: <castilho.elida165@gmail.com>.

2 Pós-doutorada em Linguística, pela Unicamp; Doutora em Linguística, pela UNESP – Araraquara. Docente Voluntária no Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, *Campus Três Lagoas*. Endereço eletrônico: <celina_ufms@gmail.com>.

3 Referência simbólica (morte por sufocamento de um homem negro, George Floyd, por um policial branco nos Estados Unidos) e linguística do movimento mundial *#VidasNegrasImportam* e *Movimento AR* de combate ao racismo por meio da educação e da oportunidade de trabalho, lançado no dia 30 de junho de 2020, pela Universidade Zumbi dos Palmares e a AFROBRAS, em parceria com outras instituições e personalidades, que pretende publicar um manifesto com dez ações para garantir mais direitos para a população negra brasileira. Fonte: <http://g1.globo.com/globo-news/jornal-globo-news/videos/t/videos/v/universidade-zumbi-dos-palmares-lanca-manifesto-de-combate-ao-racismo/8662575/>. Acesso em: 30 de jun. de 2020.



UNA MIRADA DISCURSIVA SOBRE SUJETOS Y SUBJETIVIDADES NEGRAS EN LA LITERATURA BRASILEÑA

RESUMEN: Este texto desarrolla, acerca de los estudios discursivos de lenguaje, algunas consideraciones acerca de la producción literaria contemporánea brasileña relacionada a una literatura de identidades y discursos negros. Analizando, por medio de esa esfera enunciativa histórico-social, como esas identidades son construidas y reconstruidas en la materialidad lingüístico-discursiva de algunos de sus títulos. A partir de un abordaje discursivo-deconstrutivo (CORACINI, 2010), se intenta problematizar como en esos títulos/discursos, las representaciones subjetivas construidas por y a partir de otras manos tienen posibilitado modos otros de (si) conocer, de pensar y de (si) relacionar con esos sujetos/personajes/autores, que, cada vez más, parecen reivindicar no solo en la voz literaria, sino, sobre todo, en la voz social, una presencia, que promueva dislocamientos y, por lo tanto, (re)significaciones de una metafísica occidental, que aún insiste en silenciar esas voces, “prender su respiración”.

PALABRAS-CLAVE: Literatura brasileña. Identidades negras. Discurso. Subjetividades.

POR COMEÇAR A NARRAR OUTRAS HISTÓRIAS...

[...] a Literatura não diz que sabe alguma coisa,
mas que sabe de alguma coisa; ou melhor:
que ela sabe algo das coisas – *que sabe muito sobre os homens*.
(BARTHES, 2013, p. 19, grifos nossos)

É partindo dessa reflexão de Roland Barthes (2013), que iniciamos as discussões propostas para esse texto que, vale ressaltar, não tem a pretensão de ser esgotado aqui ou de colocar a literatura e/ou estudos discursivos em um lugar de soluções, de verdades/saberes absolutos para problemas culturais e sociais tão abrangentes. Mas é sim, por meio deles, ou melhor, por meio das discursividades que esses saberes produzem (FOUCAULT, 2001) que pretendemos problematizar as subjetividades *de* e *sobre* personagens/autores tantas vezes silenciados – os negros.

Nessa direção, por solidarizarmos com Barthes (2013) e seu muito saber sobre os homens, e por entendermos, como Benjamin (1987, p. 269 *apud* CALEGARI, 2013, p. 32) que



a literatura pode ser “condição favorável de muitas curas”, “enquanto espaço discursivo-social, tem que buscar a construção de uma consciência ética e coletiva, para a qual os saberes sobre as diferenças, enquanto diferenças, precisam convergir” (SCHMIDT, 2017) e, acrescentando à sua maneira de conhecer/mostrar outras representações é que objetivamos propor algumas reflexões sobre essas identidades *na e pela* produção literária contemporânea brasileira.

Reconhecido e legitimado socialmente, o texto literário, aqui entendido como discurso, ainda é um poderoso instrumento responsável pela dominação simbólica da figuração do outro, na construção de discursos sobre o outro. Muitas de suas páginas, subjetivou (e ainda subjetiva) muitas representações do negro de maneira estereotipada, contribuindo, em muitos casos, para reafirmar representações de sujeitos e subjetividades, dentro de uma metafísica ocidental, preconceituosa e excludente, pois as narrativas e a produção literária nacional ainda estão longe de “um mosaico, composta por várias perspectivas, vista de ângulos diferentes” (DALCASTAGNÈ, 2018).

Por esse motivo e, por considerarmos o sujeito como um ser de linguagem, dividido entre o consciente e o inconsciente, estruturado na opacidade da linguagem (PÊCHEUX, 1998), é que pretendemos refletir sobre as possibilidades que as produções literárias de sujeitos e subjetividades outras, manuseadas por outras mãos e usadas para contar outras experiências que não as da elite (DALCASTAGNÈ, 2017, PATROCÍNIO, 2013), podem viabilizar efeitos de sentidos para a desconstrução de discursos metafísicos identitários sobre esses invisíveis narrativos.

Entendendo, portanto, que o sujeito não é livre para dizer o que quiser em qualquer circunstância (FOUCAULT, 2002) e os sentidos podem ser outros no momento da enunciação, porque há uma relação direta entre pensamento, linguagem e mundo é, na posição-sujeito de lugar de fala social – escritor negro, filho de mestiços, que analisaremos os ditos e não-ditos do dizer que lhe é possível a partir desse lugar.



Nessa direção, nosso impulso investigativo se dará pela análise de onze títulos/obras brasileiras de temática e autoria negras lançadas por uma das principais editoras do país, a Companhia das Letras⁴, que em maio de 2020⁵, dado aos acontecimentos devido as manifestações mundiais de combate ao racismo, intitulado #BlackLivesMatter, #VidasNegrasImportam, em português, disponibilizou e, principalmente, *visibilizou* aos seus leitores, dando destaque na página inicial de seu site e em seu blog, uma lista com 40 livros antirracistas⁶ nacionais e internacionais.

Pela brevidade deste texto, analisaremos somente a materialidade linguístico-discursiva dos títulos ficcionais nacionais, estabelecendo, com isso, um recorte discursivo desses títulos/obras, que como veremos, por si só, buscam reacender as discussões em torno do estereótipo engendrado em relação ao negro e a importância da literatura como um espaço para o debate contemporâneo em torno da alteridade.

A LITERATURA NEGRA BRASILEIRA: HERANÇAS E DESAFIOS

Nessa seção, pretendemos tratar das construções discursivas sobre a produção literária negra brasileira, apresentando e discutindo, brevemente, as heranças e desafios que

4 Com sede em São Paulo, o Grupo Companhia das Letras é desde 2016, segundo a Nielsen, líder de mercado, com 16 selos dedicados aos mais variados segmentos. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/sobre.php>. Acesso em: 25 de jun. de 2020.

5 Após o caso do adolescente João Pedro, no Rio de Janeiro, e de George Floyd, nos Estados Unidos, ambos mortos pela polícia, a luta antirracista se tornou um dos assuntos mais debatidos dos últimos dias — mesmo sendo uma pauta há muito discutida por especialistas, intelectuais e ativistas políticos — e precisa do nosso apoio. Seja na ficção ou no ensaio, a literatura é uma excelente ferramenta de estudo para que possamos estruturar esses questionamentos, contribuir para o debate e construir uma bagagem intelectual que fortaleça nosso entendimento e a imprescindível luta contra o racismo. Assim, neste post trazemos quarenta livros que tratam de raça através de experiências reais, análises históricas ou narrativas sobre amor, amizade e resistência. Sendo 18 títulos de ficção, 19 de não-ficção e 3 de música e poesia. Disponível em: <https://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/40-livros-antirracistas>. Acesso em 26 de jun. de 2020.

6 Os nomes dos títulos encontram-se na página da editora, disponível em: <https://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/40-livros-antirracistas>. Acesso em 26 de jun. de 2020 e também na página referente a Anexos neste texto.

essa temática marginalizada, exprimiu e exprime, atualmente, na construção discursivo-identitária dessa população.

Entretanto, longe de segregar, classificar e promover ainda mais discursos e distinções padronizadas de uma população que, “em geral, encontra-se ausente nas publicações das principais editoras do país, quando incluído nessas narrativas, costuma aparecer em posição secundária, sem voz e, muitas vezes, marcado por estereótipos” (DALCASTAGNÈ, 2007, p. 18), é pertinente esclarecer o que consideramos aqui como discursos sobre marginalizados. Consoante Dalcastagnè (2007, p. 20), marginalizados “são todos aqueles que, em sentido amplo, vivenciam uma identidade coletiva que recebe valoração negativa da cultura dominante, sejam definidos por sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física ou outro critério⁷”.

No contexto da marginalidade histórica da literatura negra, sobretudo, a partir de sua rearticulação na década de 1970, Medeiros da Silva (2011)) nos fala que:

Apesar do interesse demonstrado por críticos, sociólogos e historiadores, *a produção literária negra, assim como sua imprensa ou teatro, sempre foi uma produção marginal*, cujo alcance, com raras exceções, extrapolou a fração do grupo no qual se originou. Neste sentido, a Literatura Negra Brasileira, de seu surgimento e ao longo do século XX, deve ser considerada marginal em sua forma *produtiva* (no que tange aos recursos), *distributiva* (enquanto acesso ao público), e de *consumo* (referente à recepção) dessas manifestações em seus respectivos sistemas culturais de atuação. A *marginalidade*, por analogia, portanto, é *constituente* dessas produções e *sistêmica*, tal qual a definição de *sistema literário*, operada por Antonio Candido. (MEDEIROS DA SILVA, 2011, p. 126-127, *apud* SILVA, 2013, p. 294, grifos do autor)

7 Segundo a autora, para uma discussão do conceito, ver WILLIAMS, Mellisa S. *Voice, trust, and memory: marginalized groups and the failings of liberal representation*. Princeton: Princeton University Press, 1998.

Desse modo, interessa-nos discutir, primeiramente, como se manifestou na produção literária brasileira a herança do negro como objeto de escrita (BOSI, 2002), problematizando, com isso, os desafios que essa herança que, “envolve procedimentos que, com poucas exceções, indiciam ideologias, atitudes e estereótipos da estética *branca* dominante” (PROENÇA FILHO, 2004, p. 2, grifos do autor) vem se dissipando, principalmente, “desde as duas décadas finais do século passado, diante dos posicionamentos daqueles que seguem empenhando na luta pela afirmação cultural e pela legítima e devida integração do negro à sociedade brasileira, para além dos estereótipos e das distorções” (*ibidem*, 2004, p. 13), em uma pauta de resistência, “de transformação no qual a *subjetividade negra* pode emergir plenamente, impondo-se, ao invés de ser imposta por um Outro orientalizante” (SILVA, 2013, p. 302, grifos nossos).

Quando recorremos a nossa historiografia literária é recorrente observarmos o silêncio, a marginalidade com que, em particular, o discurso da literatura dita canônica, tratou os oprimidos, excluídos, os invisíveis da história. Na maioria das vezes, a maneira preconceituosa com que muitas páginas apresentou e representou a população negra, em nada contribuíram para uma afirmação identitária, muito pelo contrário, pois, como assinalaram Shohat e Stam (2006, p. 289 *apud* MACHADO; TOMAIM, 2013, p. 181), acabaram por revelar ainda mais padrões opressivos de preconceito e assinalar a funcionalidade social dos estereótipos.

A *escrava Isaura*, por exemplo, protagonista da obra homônima de Bernardo Guimarães (1872), é referência quando pensamos em personagens marginalizados e, segundo a crítica, “romantizados”, tipificados. Instituída por um sistema de valores de grupos detentores do poder, de controle social, essa obra legitimou decisões particulares de um discurso globalizante de valores universais (PROENÇA FILHO, 2014). Embora pertencesse a um grupo à margem – escrava e toda sorte de infortúnios que essa condição social lhe dava, sua



condição de escrava branca, só contribuiu para reforçar padronizações, pois só com “a inscrição da necessidade discursiva do branqueamento, ela poderia se alçar à condição socialmente aceitável, de protagonista de um amor romântico possível com um homem branco” (SCHMIDT, 2017, p. 37). Seu branqueamento é, portanto, similar a uma desumanização de sua raça, ao preconceito internalizado, à ótica racista que desde há muito tempo tem presença em solo nacional.

No início do século XX, por exemplo, como nos resume Calegari (2013),

[...] circularam em solo nacional inúmeros pensamentos preconceituosos e autoritários oriundos de intelectuais como Miguel Reale, Gustavo Barroso e Oliveira Vianna. Este último, a rigor, formulou a ideia de que o aperfeiçoamento social do país seria possível graças a um processo de branqueamento (VIANNA, 1956). Com menos negros, o Brasil seria mais forte. Com tabelas e estudos investigativos amparados na concepção de ciência de seu tempo, o autor procurou demonstrar que a mestiçagem deveria caminhar no sentido da diminuição do coeficiente de negritude do país, para que a nação fosse politicamente fortalecida. (CALEGARI, 2013, p. 26-27)

Ainda na esteira do pensamento de Calegari (2013) é possível enumerar algumas categorias nas quais os personagens negros foram/são apresentados na produção literária brasileira. Reconhecendo a história marcada pela violência e pela exclusão, essas narrativas figuravam o negro por meio do recurso do estereótipo que, sob essas características, figuravam-no como submisso, subalterno e serviçal, como a escrava Bertoleza, de *O cortiço*; o negro sensualizado e erotizado, como a mulata Rita Baiana, do mesmo romance; o negro vítima, desumanizado, exemplificado pela voz de Castro Alves; o negro de atitudes resignadas e de branqueamento de sua moral e pele, como Raimundo, o belíssimo mulato de olhos azuis criado por Aluísio de Azevedo, na obra *O Mulato*; o negro que lamenta a sua condição racial, como o poetizado por Cruz e Souza, dentre outras heranças e exemplos literários.

Contudo, como nos propõe o próprio estudioso citando Reis (1992, p. 73 *apud* CALEGARI, 2013, p. 13), o problema não reside no rol de obras canônicas, “mas na própria canonização, que precisa ser destrinchada nos seus emaranhados vínculos com as malhas do poder”. Pois, mesmo que muitas narrativas canônicas incluíram o personagem negro ou mestiço de negros em suas histórias, estes, por excelência, emergiam de lugares histórico-político-discursivo de privilégio de um sujeito enunciator – homens brancos, de classe média, heterossexuais e moradores de grandes cidades que reforçavam o regime discursivo do lugar de fala social, de uma produção textual de subjetividades hegemônicas.

Como enfatiza Proença Filho (2004, p. 13), “Zumbi e a saga quilombola não habita(va)m destaques nesse espaço”. O negro não falava, era falado e, por mais que alguns autores, como exemplo, Jorge de Lima, tentassem dar voz a eles, terminavam muitas vezes, por falar sobre eles, com “uma visão simpática, mas distanciada e não compromissada com a dimensão real da etnia” (*ibidem*, 2004, p. 11).

Assim, embora essa trajetória tenha deixado marcas, heranças preconceituosas, infelizmente, não só nas páginas literárias; outros caminhos, novos desafios têm sido traçados/narrados pela população literária negra, que muito mais que reivindicar seu foco narrativo, espaço, tempo, protagonismo e enredo, também têm podido instaurar outros e importantes modos de subjetivação.

Inicialmente, entretanto, faz-se necessário um esclarecimento sobre a questão do recorte temporal escolhido para este texto. Sabemos da inexorável perda de não trazermos, à discussão, importantes fundadores do *corpus* literário da literatura negra que, muito antes da década de 90⁸, desvinculados do olhar hegemônico atrelado às elites, traziam a público “uma produção escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a

8 Para uma maior discussão do tema ler DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: UFMG, 2011. v. 4.



partir da condição de homens negros e de mulheres negras na sociedade brasileira” (EVARISTO, 2011, p. 131 *apud* SILVA, 2013, p. 293), dentre eles, Abdias do Nascimento, Solano Trindade, Carlos Assumpção, dentre outros.

Mas como o recorte é necessário, voltemos nossos olhares para os meados da década de 1990, que consoante Patrocínio (2013, p. 12), foi o período em que muitos autores marginalizados – em sua maioria negros, passaram a narrar eles mesmos as representações de seus referentes principais, rompendo “a silenciosa posição de objeto para entrarem na cena literária utilizando a literatura enquanto veículo de um discurso político formado no desejo de autoafirmação”, com isso, propondo, novas e importantes subjetivações.

Com um desejo muito mais ético que estético, as produções literárias de autoria e temática negra nesse período, sem dúvidas, passaram “a problematizar o lugar tradicionalmente ocupado pelo intelectual que falava para e por estes sujeitos” (PATROCÍNIO, 2013, p. 22). Narrando eles mesmos as representações de seus referentes principais e possibilitando outros instrumentos de subjetivação, a visibilidade da voz dessas produções, segundo Machado e Tomaim (2013),

[...] não era de um mero aparecimento representativo de um integrante de algum grupo minoritário, mas sim de dar condições múltiplas no arranjo social para que esse sujeito seja ouvido quanto às suas diferenças culturais, na tentativa da supressão das desigualdades existentes. (MACHADO e TOMAIM, 2013, p. 181)

Dentre essas obras/autores, Luís Silva (1996), conhecido como Cuti, contista, um dos fundadores e membros do Quilombhoje-Literatura (de 1983 a 1994), além de um dos criadores e mantenedores da série *Cadernos Negros* (1978 a 1993). Contribuindo para promover a “redescoberta” e afirmação do “eu-negro”, seus contos, tinham como um dos

objetivos demonstrar situações em que a “sociedade não estava preparada para lidar com o diferente” (CALEGARI, 2013, p. 28), narrando *por* e *a partir* de sua voz, a relação conflitante entre brancos e negros e o preconceito velado existente na sociedade brasileira⁹. De escritas acompanhadas com a vida, com a “escrivivência”, neologismo sempre tão bem articulado por Conceição Evaristo, esses autores/obras não se comprometeram a dar ao público leitor e a sociedade, em geral, um olhar simpático sobre a questão étnico-racial, mas fazer com que pudessem compreender e (re)conhecê-la melhor.

Entretanto, muito mais que constatar uma adjetivação reducionista de uma literatura *de* negros, o que se pretende aqui e, acreditamos, também ser advogado pelos tantos autores e autores que, desde meados da década de 30, posicionam-se na resistência e luta pela afirmação e pelo reconhecimento social é, demarcar, linguística e discursivamente, essa característica de uma identidade própria, de um papel de ativismo e de representatividade que não diz que outros não possam falar, mas sim que outra voz também precisa falar (RIBEIRO, 2017). Pois, ampliando vozes, ocupando lugares, a literatura de negros estende seu papel de representatividade de uma coletividade, de um debate sobre lugar social.

Assim, não foi só a mudança linguística da preposição de uma literatura *sobre* negros para uma literatura *de* negros que abriu caminhos para a possibilidade de reconstrução de seus elos discursivo-identitários, mas também e, principalmente, o posicionamento discursivo engajado de seus autores que, melhores que ninguém, corporificam e (des)constroem essas narrativas. Passemos, então, a continuação, a problematizá-las.

9 No conto “Boneca”, Cuti (1996) problematiza a relação entre brancos e negros e tematiza o preconceito velado existente na sociedade brasileira. Trata da história de um pai que, na véspera de Natal sai à procura de uma boneca negra para sua filha. Nas várias lojas em que entra, escuta ironias finas a propósito das características do presente (CALEGARI, 2013, p. 28).



OUTROS SUJEITOS E OUTRAS SUBJETIVIDADES NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: #VIDASNEGRASIMPORTAM

“A arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.”
(VAZ, 2011)

As narrativas *de* e *sobre* homens e mulheres negras dentro da historiografia literária canônica, como vimos, foi (é) marcada por uma produção discursiva de poder, de controle de quem podia e devia falar/escrever (FOUCAULT, 2002). “O escritor [branco] sempre foi o sujeito dominante no discurso sobre o pobre e o excluído da sociedade brasileira” (HOLLANDA, 2014, p. 26) e, por isso, os discursos, produzidos e controlados por esses narradores/personagens/espacos, “produziram verdades e saberes” sobre essa população que até hoje estão na ordem do discurso.

Mas, como “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2002, p. 10) é que, pretendemos, consoante o *Manifesto da Antropofagia Periférica* de Sérgio Vaz, nas palavras que abrem essa seção, entender quais os efeitos de sentido que a luta discursiva de autoria e temática negra travam atualmente quando manuseadas por outras mãos.

Para isso, à luz das teorias discursivo-desconstrutivas (CORACINI, 2010), recorreremos a uma análise linguístico-discursiva dos títulos de algumas obras lançadas, nos últimos 30 anos, pela Companhia das Letras. Apresentando, por meio desse arquivo, como os traços subjetivos que se fazem sempre à revelia (FOUCAULT, 2001a), constituintes dos sujeitos *de* e *na* linguagem (CORACINI, 2010) tornaram-se, nas produções literárias de temática e autoria negra, um convite à resistência crítica, à desconstruções e estranhamentos de microfísicas cotidianas sobre essa população.



No prefácio de seu livro *Literatura e Exclusão*, Regina Dalcastagnè (2017), nos adverte sobre a importância da literatura para se tratar temas sociais,

[...] não porque se acredite ingenuamente que a literatura possa, por si mesma, promover a transformação da sociedade e da política, mas porque ela contribui, com sua força expressiva e com a legitimidade simbólica de que ainda desfruta, para construir o universo de discursos em que ocorrem nossos embates e nos quais fazemos nossas escolhas. [...] (DALCASTAGNÈ, 2017, p. 11)

Longe, portanto, de se acreditar em uma resposta exata para uma herança social e cultural há tanto tempo marcada em nossa história, o que aqui se propõe é entender a “tão necessária discussão sobre os significados que a literatura pode adquirir quando manuseada por outras mãos e usada para contar outras experiências que não as da elite ou da classe média intelectualizada no Brasil” (DALCASTAGNÈ, 2017, p.11), pois como já salientado, quem escreve, quem lê e quem aparece nas páginas literárias ainda mantém um perfil pouco abrangente¹⁰.

Analisar, portanto, esses títulos literários como discurso, implica pensá-los quanto a sua lógica discursiva e produtora de sentidos, em que o texto/discurso passa a ser entendido em seus aspectos intra, inter e extralinguísticos, ampliando, com isso, as dimensões universais, individuais, sociais e históricas, de que ele se constitui. Voltada para a representação linguístico-discursiva, pretendemos, não somente estabelecer um recorte histórico, mas, sobretudo, um recorte discursivo dessas obras, cujos títulos, como veremos, por si só, buscam reascender as discussões em torno do estereótipo engendrado em relação ao negro e a importância da literatura como um espaço para o debate contemporâneo em torno da alteridade.

10 Ver artigo Regina Dalcastagnè (2018) nas referências desse trabalho.



Como já mencionado na parte introdutória que abre esse texto, as condições de produção para a compilação dessa lista de 40 livros antirracistas tem profunda relação com os últimos acontecimentos ocorridos contra a população negra mundo afora. Reforçando a indissociabilidade entre discurso e exterioridade, é importante que possamos compreender como esses processos de reprodução/transformação da linguagem acontecem em circulação social.

Dada a heterogeneidade constitutiva dos discursos e, por consequência, das formações discursivas a que cada sujeito se posiciona, não podemos e, não pretendemos, homogeneizar e/ou controlar os discursos, mas demonstrar os efeitos que as escolhas de cada escritor podem contribuir para (re)velar materialmente à formação discursiva que se ligam. Formações discursivas (FD) essas que, em nosso gesto de interpretação, posicionam-se em uma FD de resistência, ativismo, representatividade e de direito à existência/permanência.

Contudo, como não basta saber o que o texto/os títulos diz(em), mas como ele diz, como funciona discursivamente, é que analisamos as regularidades linguísticas de cada título que, mesmo que se coloquem em postos de formas diferentes, repetem nos aspectos enunciativos da linguagem os “mesmos” sentidos, o mesmo debate da coletividade de uma população que se quer porta-voz da própria história, do próprio discurso.

Nas obras destinadas ao público infantil, lançadas com o selo Companhia das Letrinhas, a lista apresenta quatro títulos. Em ordem cronológica, *Histórias da Preta*, de Heloisa Pires Lima, datado de 1998; *Histórias da Cazumbinha*, de Meire Cazumbá, de 2010; *Amoras*, de Emicida, de 2018 e *Da minha janela*, de Otávio Junior, de 2019.

Em *Histórias da Cazumbinha* e *Histórias da Preta* a regularidade do substantivo flexionado “histórias” contribui para o que vimos salientando sobre as possibilidades de uma narrativa manuseada por outras mãos, capazes de contar outras histórias. Mobilizando um efeito de sentido de coletivo, de pluralidade, esses títulos, também marcados linguisticamente pela contração “da”, sugerem o discurso do pertencimento, de lugar de fala e, que, por isso,



enunciam para um todo discursivo, pois (re)conhece o efeito de subjetivação dos seus próprios discursos, agora narrados com histórias *de*, a *partir* e não mais *sobre*.

Já com os dois títulos mais recentes, *Amoras*, de Emicida e *Da minha janela*, de Otávio Junior, a escolha nominal das obras sugere um efeito mais simbólico. Tratando as questões étnico-raciais com extrema sensibilidade, essas obras buscam aproximar-se das crianças recorrendo à imaginação, à abertura para o novo, para outras discursividades. *Amoras*, do rapper-escritor Emicida, propõe-se a estreitar cada vez mais os limites ficcionais e subjetivos, principalmente, os relacionados a questões de conhecimento e tolerância da religiosidade das culturas afro-descendentes, com o intuito de mostrar que para conhecer melhor o outro, temos que romper a casca, as nossas cascas, para “saborear” o que cada um tem de melhor na sua diversidade.

Com *Da minha janela*, publicado em 2019, a questão contemporânea da desconstrução de subjetividades fica ainda mais marcada, uma vez que abrindo a janela para apresentar o mundo das comunidades cariocas, Otávio Junior, nos propõe a (re)descobrir coisas incríveis quando nos abrimos para o mundo que nos cerca. Embora traga linguisticamente uma singularidade, um ponto de vista expresso pelo pronome possessivo “minha”, esse título/discurso, sobremaneira, contribui para apresentar à sociedade, a importância da existência, da presença e da escuta de outra(s) voz(es) que não narradas sob a perspectiva de outras janelas. Porque a língua é opaca e seus sentidos podem deslizar (PÊCHEUX, 1998) é que, longe de configurar-se como a representação de um eu sozinho, de uma visão unilateral, esse enunciado possibilita sentidos que mobilizam significações do quanto é importante entendermos que os sujeitos e subjetividades não são universais, existem outros e outras subjetividades e que a leitura e presença deles são essenciais para questionarmos muitas das representações que temos hoje, em especial, quando se trata da população de identidade negra.



Corporificar, dar papel a esses sujeitos/personagens e legitimar outras narrativas são pressupostos que esses títulos buscam discursivizar. Com o público adulto, essas pressuposições também não são diferentes. Dos 16 títulos ficcionais compilados, 7 são de autoria nacional e pela brevidade desse texto, como já dissemos, são os que trazemos à discussão, sem deixar, entretanto, de enaltecer a importância e representatividade das obras estrangeiras aqui publicadas/reeditadas¹¹.

Também seguindo a ordem cronológica, os títulos compilados na lista são: *Úrsula*, da maranhense Maria Firmina dos Reis, escrito em 1859 e considerado o primeiro romance escrito por uma mulher negra e aqui, reeditado pela Penguin, em 2018, os “clássicos” reeditados *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis e *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, de Lima Barreto; *Enterre seus mortos*, de Ana Paula Maia, lançado em 2018, *O sol na cabeça*, de Geovani Martins, também de 2018, antologia de 13 contos que retratam a infância e a adolescência de moradores de favelas cariocas, o romance *Marrom e Amarelo*, de Paulo Scott, 2019 e *Redemoinho em dia quente*, da escritora Jarid Arraes, 2019.

Nos três primeiros títulos, observamos que o processo de produção de sentidos para operar materialmente a formação discursiva a que os títulos/discursos se ligam apresentam-se inscritos no jogo discursivo da memória, da história e da recordação. Produzindo um efeito de resgate e de autoria em relação aquilo que narra, utilizam-se de uma espécie de metanarrativa para narrar essas histórias, assim como observado, também, nos dois primeiros títulos do selo dedicado às crianças. O uso dos nomes próprios nos títulos também contribuem para legitimar seus discursos. Entretanto, como se tratam de reedições e nosso recorte prioriza a literatura contemporânea de autoria e temática negra, paramos as análises por aqui, sem adentrar, principalmente, nas considerações especiais que as obras e a posição

11 A lista completa dos títulos encontram-se na página da editora, disponível em: <https://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/40-livros-antirracistas>. Acesso em 26 de jun. de 2020 e também na página de Anexos neste texto.



de Machado de Assis tem merecido por parte de tantos estudiosos¹², as de Lima Barreto, que sem dúvidas, configura-se como um dos pioneiros para uma mudança de posição subjetiva com relação aos negros/marginalizados e de Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira escritora brasileira, pioneira na crítica antiescravista da nossa literatura.

Na sequência, trazemos os títulos publicados nos anos de 2018 e 2019. Embora apenas uma obra aborde explicitamente a discriminação racial em suas páginas, *Marrom e Amarelo*, de Paulo Scott (2019), a escolha pela entrada na lista de livros antirracistas não é questionável. Escritos por autores negros ou descendentes de negros, moradores das periferias das cidades de onde moram, essas obras trazem como ninguém as marcas autorais de resistência, de problematizações e de (des)construções de subjetividades dos referentes que narram.

Tanto em seus outros seis livros quanto no listado *Enterre seus mortos*, a carioca Ana Paula Maia, não tematiza a questão da negritude. Como ela própria gosta de frisar, “sua militância é escrever uma boa história”¹³. Por isso que, dados os objetivos desse texto deixaremos sua análise para outra oportunidade. Vale ressaltar, porém, que esse fato não a descaracteriza em nenhum aspecto, ao contrário, pois detentora de uma das vozes mais particulares da literatura brasileira contemporânea, suas narrativas permitem muitas reflexões

12 Segundo o crítico Proença Filho (2004, p. 11), por exemplo, Machado de Assis foi indiferente à problemática do negro e dos descendentes de negro, como ele. Mesmo os dois contos que envolvem escravos, “O caso da vara” e “Pai contra mãe”, não se centralizam na questão étnica, mas no problema do egoísmo humano e da tibieza de caráter. Entretanto, segundo o mesmo autor, há outros que defendam que o fato de um mulato ter-se tornado um dos maiores, senão o maior dos escritores brasileiros, é altamente significativo para a causa da afirmação da etnia, embora não se encontre em sua obra ficcional uma assunção ideológica nesse sentido.

13 Em entrevista ao ser questionada como é ser uma escritora negra, mesmo que não tematize questões raciais em seus livros, a escritora respondeu: “Sou escritora, pronto. Publico pelo menos há 10 anos pelas maiores casas editoriais do país. Nunca ninguém me pediu fotos para saber a cor da minha pele. Não tematizo essas questões. O meu lugar de fala se encontra dentro dos meus livros. Agora tenho a televisão, que será também meu lugar de fala. Sou zero de militância. Minha militância é escrever uma boa história. Quando leio um livro ou vejo um filme, não importa se tem preto ou não, o que importa é a história ser bem contada. A história é boa, eu vejo. Não é boa, deixo pra lá. Não tenho esses questionamentos, nunca tive”.

Disponível em: <<https://www.uai.com.br/app/noticia/artes-e-livros/2018/12/02/noticias-artes-e-livros,238148/escritora-ana-paula-maia-fala-sobre-influencia-do-western-e-questoes-r.shtml>> Acesso em: 07 de agosto de 2020.



sobre os comportamentos e relações humanas, desse modo, problematizando práticas discursivas e não-discursivas que, indiretamente, contribuem para ser o outro, ler o outro e, com isso, (re)conhecê-lo melhor.

Politicamente engajado e propondo um novo realismo de desconstruções e representações, o *O Sol na Cabeça*, de Geovani Martins narra a partir da ótica de jovens e adolescentes moradores de uma favela carioca. Problematizando, paralelamente, as inúmeras questões sociais, sociais e culturais desses moradores, apresenta-nos, nessa obra, um outro olhar do morro, narrando do outro lado do asfalto as injustiças e preconceitos que muitos desses personagens sofrem por serem pobres, negros e “favelados”. O título é um convite reluzente para o (re)conhecimento de seus referentes principais, no sentido de abertura para o conhecimento do outro, da história de outros sujeitos que também querem ter o seu direito de ter o seu lugar ao sol, o seu espaço, tanto literário quanto social.

Com *Marrom e Amarelo*, o gaúcho Paulo Scott, aborda explicitamente a discriminação e a política racial no Brasil. Narrado pela ótica de Federico, filho de pai negro, a obra é um convite à reflexão e desnaturalização das questões raciais, pois ao comentar a condição de ser mestiço e negro no Brasil, a voz de Federico potencializa uma voz ativista, de combate ao racismo estrutural que impera em nossa sociedade. Além de fazer uma alusão aos fenótipos dos dois protagonistas, Federico, o mais velho e narrador da história “claro, de cabelo lambido” e Lourenço, negro, a escolha dos substantivos marrom e amarelo, no título, também contribui para reconstruções simbólicas discursivas sobre a cor (da pele) nas relações sociais. Com o intuito de reformular essa construção discursiva, mudar posições subjetivas, o título/obra sugere uma união, conhecimento e reconhecimento sobre o Brasil mestiço e negro, não só na materialidade linguística da coordenada aditiva “e”, mas, sobretudo, na sociedade em geral.

Já Jarid Arraes, conhecida por destacar mulheres em seus livros e cordéis, com a obra *Redemoinho em dia quente*, apresenta-nos contos que misturam realismo, fantasia e crítica social.



Inserida em uma realidade cercada de injustiças, a escritora discursiva sobre a questão da representatividade de gênero e apresenta o Cariri pela ótica de mulheres. A escolha do pleonismo no título, na redundância dos termos, uma vez que os redemoinhos são ventos em espiral formados pela convecção do ar, em dias quentes, sem ventos e de muito sol, mobiliza um efeito de sentido que confere mais destaque ao que está sendo expresso, da importância cada dia mais contemporânea de se levantar a poeira, fazer um debate estrutural sobre as narrativas/discursos que envolvem as injustiças que são acometidas tantas mulheres, principalmente, quando somadas às questões de gênero, estão também questões de raça e classe.

Diante, portanto, dos recortes apresentados, observa-se como suas construções discursivas são compostas por vocábulos representativos, regulares de um estado de condições de produção de “quem abandona a condição de objeto de escrita para se figurar como sujeito do próprio discurso” (FERRÉZ, 2005). Caracterizando formações discursivas similares, esses títulos/obras têm em comum uma regularidade desconstrutiva dos processos discursivos-literários, pois possibilitam novas abordagens e enquadramentos para se pensar a literatura, para se debater a relação com outros e também importantes modos de discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A URGÊNCIA EM SE CONTINUAR A NARRAR OUTRAS HISTÓRIAS

Não somos o retrato,
pelo contrário, mudamos o foco
e tiramos nós mesmos a nossa foto.”
(FERRÉZ, 2005, p. 9)

De forma resumida, este texto teve por objetivo refletir sobre as possibilidades que as produções literárias de sujeitos e subjetividades outros, manuseadas por outras mãos e usadas para contar outras experiências, podem viabilizar oportunidades para a desconstrução

de discursos metafísicos identitários sobre as narrativas de temática e autoria negras. Para tanto, optamos por analisar a materialidade linguística de onze títulos nacionais de temática e autoria negras, com o intuito de problematizar como é construído e desconstruído nesses discursos histórico-literários os sujeitos e subjetividades negras.

Nesse sentido, julgamos ter demonstrado que esses títulos/obras, muito mais que simples nomeações, são discursos, “um conjunto de enunciados, sob uma dada formação discursiva, praticados ao longo do tempo” (FOUCAULT, 2008, p.43). Por não serem neutros, se sustentam em formações discursivas que representam uma tomada de posição, “uma mudança de foco” (FERRÉZ, 2005, p. 09), de posições subjetivas sobre os sujeitos e subjetividades da literatura de temática negra.

Problematizando referências, tirando eles mesmos as fotos, assim como expõe Ferréz na citação que abre essas considerações finais, esses títulos/discursos propõem rediscutir processos históricos de uma herança redutora ocidental, que pela visão do outro e pelas cadeias de significação da linguagem, dos discursos, colocam os sentidos sob suspeita, sob rasura, sob desconstruções (CORACINI, 2010).

Com títulos/obras, portanto, que podem ser consideradas como um movimento de resistência contra focos localizados de poder (FOUCAULT, 2002), esse trabalho buscou questionar, na relação entre linguagem, sociedade e sujeito, outros modos de (se) conhecer, de (se) pensar e de (se) relacionar com esses sujeitos/personagens, potencializando o papel que essas novas discursividades, novas significações, que partem da experiência real e social, podem reescrever, não só nas brancuras das páginas literárias, mas, sobretudo, na sociedade, em geral, que precisa ouvir, ler e ver que há mundos que nós não vemos, ou que, não queremos ver/conhecer, pois, como nos diz Rubem Alves (2008): “O ato de ouvir exige humildade de quem ouve. E a humildade está nisso: saber, não com a cabeça, mas com o coração, que é possível que o outro veja mundos que nós não vemos.”.



REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. *Ostra feliz não faz pérola*. São Paulo: Planeta Editora, 2008.

BARTHES, Roland. *Aula*. Aula inaugural da cadeira de Semiologia literária do Colégio de França – pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 2013.

BOSI, Alfredo. A escrita e os excluídos. In: *Literatura e Resistência*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

CALEGARI, Lizandro Carlos. O cânone literário e as expressões de minorias: implicações e significações históricas. In: FOSTER, David William. CALEGARI, Lizandro Carlos. MARTINS, Ricardo André Ferreira. (org). *Excluídos e Marginalizados na Literatura: uma estética dos oprimidos*. Santa Maria/RS: Editora UFSM, 2013, p. 11-37.

CORACINI, Maria José de Faria Rodrigues. Discurso e escrit(ur)a: entre a necessidade e a (im)possibilidade de ensinar. In: Eckert-Hoff, Beatriz & Coracini, Maria José. Eds. *Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 17-50.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Quem é e sobre o que escreve o autor brasileiro?* Entrevista concedida a Amanda Massuela. Revista Cult Digital, São Paulo, n. 231, 5 fev. 2018. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/>> Acesso em: 26 de out. de 2019.

DALCASTAGNÈ, Regina. Autorrepresentação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 42, n. 4, dezembro 2007, p. 18-31.

DALCASTAGNÈ, Regina. Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. *Iberic@l*. nº 2, Paris, 2012, p. 13-18.

DASLACATAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. In: DALCASTAGNÈ, Regina. EBLE, Laeticia Jensen. (org). *Literatura e Exclusão*. Porto Alegre/RS: Editora Zouk, 2017, p. 217-238.

FERRÉZ. *Literatura marginal talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro, Agir, 2005.



FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2002.

FOUCAULT, Michel. Que é um autor? In: *Ditos e Escritos*: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *Ditos e Escritos*: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001a, p. 129-160.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Crônica marginal. RESENDE, Beatriz. FINAZZI-AGRÓ, Ettore (org). *Possibilidades da nova escrita literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2014.

MACHADO, Alisson. TOMAIM, Cássio dos Santos. Figurações do negro e do homossexual em Madama Satã: a ambivalenciada autoridade cultural no jogo das identidades. In: FOSTER, David William. CALEGARI, Lizandro Carlos. MARTINS, Ricardo André Ferreira. (Org). *Excluídos e Marginalizados na Literatura: uma estética dos oprimidos*. Santa Maria/RS: Editora UFSM, 2013, p. 175-212.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. *Escritos à margem*: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira. 1ª edição. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

PÊCHEUX, Michel. Só há causa naquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: *Semântica e Discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi, Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos Avançados*. São Paulo, vol. 18, n. 50, Jan./Apr. 2004.

RIBEIRO, Djamila. *O que é: lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Centro e margens: notas sobre a historiografia literária. In: DASLACATAGNÈ, Regina. EBLE, Laeticia Jensen. (org). *Literatura e Exclusão*. Porto Alegre/RS: Editora Zouk, 2017, p. 29-42.



SILVA, Denise Almeida. Entre imposições e proposição: reflexões sobre a literatura marginal brasileira. In: FOSTER, David William. CALEGARI, Lizandro Carlos. MARTINS, Ricardo André Ferreira. (org). *Excluídos e Marginalizados na Literatura: uma estética dos oprimidos*. Santa Maria/RS: Editora UFSM, 2013, p. 271-306.

VAZ, Sérgio. *Manifesto da antropofagia periférica*. Disponível em: http://coleccionadordepedras.blogspot.com/2007/10/manifesto-da-antropofagia_perifrica.html. Acesso em: 25 de outubro de 2019.



ANEXOS

FICÇÃO:

1. *Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie (Companhia das Letras, 2014)
2. *Amoras*, de Emicida (Companhia das Letrinhas, 2018)
3. *Da minha janela*, de Otávio Júnior (Companhia das Letrinhas, 2019)
4. *Enterre seus mortos*, de Ana Paula Maia (Companhia das Letras, 2018)
5. *Histórias da Cazumbinha*, de Meire Cazumbá (Companhia das Letrinhas, 2010)
6. *Histórias da preta*, de Heloisa Pires Lima (Companhia das Letrinhas, 1998)
7. *Luanda, Lisboa, Paraíso*, de Djaimilia Pereira de Almeida (Companhia das Letras, 2019)
8. *Marrom e amarelo*, de Paulo Scott (Alfaguara, 2019)
9. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis (Penguin, 2014)
10. *O menino negro*, de Camara Laye (Seguinte, 2013)
11. *O mundo se despedaça*, de Chinua Achebe (Companhia das Letras, 2009)
12. *O olho mais azul*, de Toni Morrison (Companhia das Letras, 2019)
13. *O sol na cabeça*, de Geovani Martins (Companhia das Letras, 2018)
14. *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis (Penguin, 2018)
15. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, de Lima Barreto (Penguin, 2010)
16. *Redemoinho em dia quente*, de Jarid Arraes (Alfaguara, 2019)
17. *Ritmo louco*, de Zadie Smith (Companhia das Letras, 2018)
18. *Se a rua Beale falasse*, de James Baldwin (Companhia das Letras, 2019)

NÃO-FICÇÃO:

19. *Doze anos de escravidão*, de Solomon Northup (Penguin, 2014)
20. *A autobiografia de Martin Luther King*, de Clayborne Carson (Zahar, 2014)
21. *A educação de uma criança sob o protetorado britânico: Ensaio*, de Chinua Achebe (Companhia das Letras, 2012)
22. *A cor da liberdade: os anos de presidência*, de Nelson Mandela e Mandla Langa (Zahar, 2018)
23. *A origem dos outros*, de Toni Morrison (Companhia das Letras, 2020)
24. *Dicionário da escravidão e liberdade*, de Lilia Moritz Schwarcz e Flávio Gomes (Orgs.) (Companhia das Letras, 2018)
25. *Entre o mundo e eu*, de Ta-Nehisi Coates (Objetiva, 2015)
26. *Fiel*, de Jessé Andarilho (Objetiva, 2014)
27. *Malcolm X*, de Manning Marable (Companhia das Letras, 2013)
28. *Martin e Rosa*, de Raphaële Frier e Zaü (Pequena Zahar, 2014)
29. *Minha história*, de Michelle Obama (Objetiva, 2018)



30. Mocambos e quilombos, de Flávio dos Santos Gomes (Claro Enigma, 2015)
31. Muito longe de casa, de Ishmael Beah (Companhia das Letras, 2015)
32. Na minha pele, de Lázaro Ramos (Objetiva, 2017)
33. Nômade, de Ayaan Hirsi Ali (Companhia das Letras, 2011)
34. O amor como revolução, de Henrique Vieira (Objetiva, 2019)
35. O alufá Rufino, de João José Reis, Flávio dos Santos Gomes e Marcus J. de Carvalho (Companhia das Letras, 2010)
36. O jogo da dissimulação, de Wlamyra R. de Albuquerque (Companhia das Letras, 2009)
37. O perigo de uma história única, de Chimamanda Ngozi Adichie (Companhia das Letras, 2019)
38. Pequeno manual antirracista, de Djamila Ribeiro (Companhia das Letras, 2019)

MÚSICA E POESIA

39. Não pararei de gritar: poemas reunidos, de Carlos de Assumpção (Poesia, Companhia das Letras, 2020)
40. Sobrevivendo no inferno, de Racionais MC's (Companhia das Letras, 2018)

Envio: Agosto de 2020
Aceite: Agosto de 2020